

## FUNDAMENTOS DO INGLÊS INSTRUMENTAL E AS VÁRIAS FACES DO PROFESSOR

Alyne Ferreira de Araújo<sup>1</sup>; Francisco Edson de Freitas Lopes<sup>2</sup>; Maria das Graças de Oliveira  
Pereira<sup>3</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, [alynef\\_araujo@hotmail.com](mailto:alynef_araujo@hotmail.com)<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande; [edson.freitas9@hotmail.com](mailto:edson.freitas9@hotmail.com)<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; [mary\\_ta\\_oliveira@hotmail.com](mailto:mary_ta_oliveira@hotmail.com)<sup>3</sup>

**RESUMO:** O Inglês para Fins Específicos, mais conhecido no Brasil como Inglês Instrumental, o qual é um dos ramos do ensino de Inglês como língua estrangeira, começou a ganhar visibilidade entre os anos 60 e 70, resultante de uma grande expansão econômica, científica e tecnológica, do desenvolvimento de novas pesquisas em Linguística Aplicada, que mudaram o foco do ensino, e de um considerável progresso da Psicologia Educacional. Daí surgiu um tipo de curso, que se diferenciava dos cursos que até então eram oferecidos e reconhecidos formalmente. Como o próprio nome sugere, em cursos de Inglês Instrumental, a língua-alvo é usada como um instrumento para que o aprendiz possa realizar determinadas tarefas. Tendo em vista isso, nessa abordagem o que determina o que e quais habilidades linguísticas serão abordadas são as necessidades do aprendiz, isto é, o curso é projetado pensando nas necessidades e especificidades do aluno, assim, por estar em consonância com as exigências atuais dos aprendizes, este tem ganhado notoriedade na área. Considerando a grande expansão do ensino de Inglês Instrumental, torna-se necessário por parte de professores de língua inglesa, tanto os atuantes como aqueles que ainda estão em formação inicial conhecer tal abordagem em suas particularidades. Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar uma visão geral do desenvolvimento do Inglês Instrumental, discutindo relações pertinentes sobre a temática, tais como definições do termo, seu surgimento, principais características e tipos, e, sobretudo, o papel do professor, que se distingue da do professor de cursos de Inglês Geral e transcende a função de ensinar. Para tal, foi realizado um estudo de caráter bibliográfico, que se propõe revisar o estado da arte, para um melhor embasamento das discussões aqui apresentadas. Assim, serão usados como suporte teórico os trabalhos de Robinson (1981), Hutchinson & Waters (1987), Strevens (1988), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino, Inglês Instrumental, professor.

## INTRODUÇÃO

Inglês para Fins específicos (do Inglês, English for Specific Purposes – ESP) é uma área que cresce gradativamente no cenário educacional, especialmente, no que diz respeito ao ensino de línguas estrangeiras. No Brasil, recebeu o nome de Inglês Instrumental, e tem ganhado destaque, nos últimos anos, principalmente devido à expansão de cursos técnicos profissionalizantes, uma vez que faz parte dos currículos de tais cursos, além também de integrarem os currículos de cursos de graduação e do surgimento de cursos preparatórios para provas de proficiência, as quais, em sua maioria, exigem o domínio da habilidade da leitura. Consoante Ramos (2009), o Inglês Instrumental já tem lugar garantido no contexto educacional brasileiro.

Ademais, a produção de materiais didáticos e manuais para professores sobre Inglês Instrumental cresce de maneira fenomenal (BLOOR, 1986). Contudo, por ser uma área relativamente nova, trata-se de “... uma abordagem ainda desconhecida por muitos os professores em serviço e em formação” (VILAÇA, 2010, p. 5). Assim sendo e considerando a grande demanda por cursos de Inglês Instrumental, é de extrema importância que os professores de Língua Inglesa conheçam tal abordagem em suas particularidades, justificando assim, pesquisas como essas, sobretudo, porque, segundo Vilaça (2010), os cursos de formação de professores não dão a devida atenção aos estudos acerca de Inglês Instrumental, abordando o assunto de maneira demasiadamente superficial:

Muitas vezes as discussões e práticas relacionadas ao ESP ficam demasiadamente restritas a oficinas e minicursos em eventos acadêmicos ou profissionais, quando poderiam e deveriam ser mais diretamente integradas ao currículo como elemento constituinte da formação de professores (VILAÇA, 2010, p. 11).

Os primeiros questionamentos daqueles que iniciam seus estudos sobre Inglês Instrumental são: “O que é Inglês Instrumental?”; “Como surgiu?”; “O que é abordado em um curso dessa natureza?”, e, especialmente: “Quais são as funções do professor?”. Desta forma, o objetivo deste artigo é responder tais perguntas, isto é, discutir questões pertinentes sobre a temática em tela, de modo que esse trabalho possa servir como um suporte teórico tanto para professores em formação inicial, quanto para os já atuantes e quaisquer pesquisadores da área.

## **METODOLOGIA**

Este artigo é o resultado do desejo dos pesquisadores de se aprofundarem na temática, tendo em vista a relevância desta na área de ensino de língua estrangeira, especialmente Língua Inglesa e, sobretudo, por estarem atuando no momento ou já terem atuado em algum momento no passado como professor de Inglês Instrumental e sentirem se despreparados para tal. Logo, tornou-se preciso um aprofundamento na área.

Para tanto, preferiu-se realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico, já que através de tal metodologia, é possível construir um embasamento teórico-crítico que fornece subsídios para prática docente, a fim de melhorá-la. Naturalmente, o foco do trabalho está no levantamento de informações que possam proporcionar ao pesquisador o conhecimento da teoria necessário para a sua prática, além de desenvolver um olhar crítico sobre a temática para que o pesquisador possa corrigir possíveis erros, e assumir a postura adequada como docente. Na coleta de dados, foram selecionadas as obras de Robinson (1981), Hutchinson & Waters (1987), Strevens (1988), Dudley-Evans & St. John (1998), Ramos (2009), as quais se constituem na principal fundamentação teórica desta pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A seguir será apresentando, sucintamente, um quadro geral sobre o ensino de Inglês Instrumental, discorrendo desde o surgimento da abordagem, sua definição e principais características até a atuação do professor.

### **Como surgiu?**

Sobre o seu surgimento, a literatura da área destaca que o Inglês Instrumental sempre existiu, mesmo não sendo devidamente reconhecido e estudado, mas desde os tempos de Império que as línguas eram usadas para intermediar as relações entre dominador e dominado, isto é, usadas com um fim específico. Todavia, somente depois do fim da segunda guerra mundial, o Inglês começou a se fortalecer, devido a grande expansão comercial e tecnológica, que aconteceu a nível internacional, levando assim a uma necessidade de se eleger uma língua universal, que pudesse intermediar as relações nessas duas áreas, naturalmente, a língua eleita foi o inglês, em virtude da grande força econômica dos Estados Unidos na época. Pela primeira vez, havia razões bem definidas para estudar Inglês, que ultrapassavam o “aprender por prazer” ou simplesmente pelo

“conhecimento”, “para falar”. Assim, surgia a geração de aprendizes que sabia exatamente o porquê de estudar o citado idioma:

... homens e mulheres de negócios que queriam vender seus produtos, mecânicos que tinham que ler manuais de instrução, médicos que precisavam se manterem atualizados a cerca do desenvolvimento de sua área e toda uma gama de estudantes cujos cursos incluem livros e revistas disponíveis apenas em inglês. Todos estes e muitos outros precisavam de inglês, e mais importante, eles sabiam que precisavam disto (HUTCHINSON & WATERS, 1987, p. 6, tradução nossa).<sup>1</sup>

Paralela a grande demanda pelo Inglês por parte da sociedade e também devido a isso, aconteceu o que os estudiosos chamam de “Revolução Linguística”. O foco dos estudos linguísticos deixou de ser a nível estrutural e passou a ser no uso real da língua, através dessa nova vertente de estudo se chegou à conclusão de que o discurso pode mudar dependendo do contexto em que for empregado, daí emergiu a necessidade de reorganizar as metodologias de ensino, passando a ter como base as necessidades dos aprendizes: “... se o discurso varia de uma situação de uso para outra, deve ser possível determinar as características de situações específicas e então tornar essas características a base do curso dos alunos” (HUTCHINSON & WATERS, 1987, p. 7, tradução nossa).<sup>2</sup>

Ademais, na mesma época da Revolução Linguística, surgiram estudos de viés psicológico que apontaram diferentes estratégias usadas pelos aprendizes, interesses e necessidades, os quais podem influenciar na motivação e na aprendizagem dos alunos. Tal fato resultou na criação de cursos que atendessem às necessidades específicas dos aprendizes, o que levou ao surgimento de uma nova tendência de ensino “Educação centrada no aluno” (Learner – centered education). Daí, o Inglês Instrumental passou a ser reconhecido como uma atividade de ensino. E desde então “... tem se tornado um dos ramos mais ativos da Linguística aplicada em geral, e do ensino de Inglês como língua estrangeira, em particular” (LAMRI, 2016, p.3, tradução nossa)<sup>3</sup>.

No Brasil, o Inglês Instrumental teve início na década de 70, através do Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras, desenvolvido inicialmente na PUC – SP, sob a coordenação da professora Maria Antonieta Celani, o qual tinha como objetivo atender às

---

<sup>1</sup> ... businessmen – women who wanted to sell their products, mechanics who had to read instructions manuals, doctors who needed to keep up with the developments in their field and a whole range of students whose course of study included textbooks and journals only available in English. All these and many others needed English and, most importantly, they knew why they needed it.

<sup>2</sup> ... if language varies from one situation of use to another, it should be possible to determine the features of specific situations and then make these features the basis of the learner’s course.

<sup>3</sup> ... ESP has become one of the most active branches of Applied Linguistics in general, and of the Teaching of English as a Foreigner Language (TEFL) in particular.

necessidades acadêmicas dos aprendizes. Na época, por meio do levantamento de necessidades dos estudantes constatou-se que a leitura era a habilidade fundamental para aqueles alunos que tinham que lidar com textos acadêmicos escritos em Língua Inglesa, porém, é válido salientar que o ensino de Inglês Instrumental não é equivalente ao ensino de leitura, o foco central de um curso desse tipo, pode ser qualquer uma das habilidades linguísticas. É importante destacar ainda que tal projeto não consistiu em capacitação de professores, mas estes foram responsáveis por desenvolvê-lo com base em suas reflexões sobre a prática de ensino e compartilhamento de experiências (CELANI; et al., 2005).

### **O que é inglês instrumental e seus principais fundamentos**

Grande parte dos cursos na área de Língua Inglesa dispõe de cursos denominados “Inglês Geral” (General English), o qual trabalha as quatro habilidades comunicativas, com o objetivo de tornar o aprendiz comunicativamente competente tanto no uso das habilidades orais quanto escritas. Os aprendizes, geralmente, não têm uma necessidade específica para estudar o idioma, eles estudam o idioma de maneira ampla. Porém, é certo que essa modalidade de ensino de Inglês não atende as necessidades de todos os aprendizes, há aqueles que têm um foco específico e sabem exatamente o que e porque precisa estudar tal língua. Para estes aprendizes, foram desenvolvidos cursos de Inglês Instrumental.

Para Robinson (1991, p. 13, tradução nossa), “Um curso de Inglês Instrumental tem um propósito determinado e visa um bom desempenho no que diz respeito às funções profissionais e educacionais. Baseia-se em uma rigorosa análise de necessidades dos alunos e deve ser feito sob medida”.<sup>4</sup> Conforme essa afirmação, tudo é feito de acordo com o aprendiz e suas necessidades de aprendizagem.

Hutchinson & Waters (1987) comparam o ensino de Inglês a uma árvore, categorizando o Inglês Instrumental como um dos ramos do ensino de Inglês como língua estrangeira. Embora, os autores, a priori, tenham optado por mostrar o que não é Inglês Instrumental, posteriormente, formulam a seguinte definição: “... é uma abordagem do ensino de línguas, a qual é baseada na necessidade do aprendiz” (HUTCHINSON & WATERS, 1987, p. 19, tradução nossa)<sup>5</sup>. Tais pesquisadores também propõem um dos princípios da abordagem: “Diga-me para que você precisa

---

<sup>4</sup> An ESP course is purposeful and is aimed at the successful performance of occupational or educational roles. It is based on a rigorous analysis of students' need and should be 'tailor - made'.

<sup>5</sup> ... it is an approach to language learning, which is based on learner need.

de Inglês e eu lhe direi o Inglês que você precisa” (HUTCHINSON & WATERS, 1987, p. 19, tradução nossa).<sup>6</sup>

Os autores, acima citados, ainda enfatizam que Inglês Instrumental não é um produto, nem um tipo especial de linguagem ou uma metodologia, nem muito menos um tipo específico de material, mas sim uma abordagem (HUTCHINSON & WATERS, 1987). Bloor (1986) também mostra compartilhar da opinião de Hutchinson & Waters (1987), ao também denominar o Inglês Instrumental como uma abordagem, ao falar sobre o sucesso desta na área: “Não há dúvida que Inglês Instrumental é bem sucedido como uma abordagem do ensino de Língua Inglesa” (p. 6, tradução nossa).<sup>7</sup>

Strevens (1988), por sua vez, apresenta seis características do Inglês Instrumental, sendo quatro absolutas, isto é, comum a todos os cursos, e 2 variáveis, as quais dependem das especificidades do contexto. Consoante o autor, cursos de Inglês Instrumental devem ser delineados de maneira a atender às necessidades específicas dos aprendizes; os conteúdos e temas trabalhados devem estar relacionados às disciplinas, ocupações ou atividades específicas que o aluno desempenhe ou venha a desempenhar, ou seja, deve focar na linguagem apropriada a tais atividades; e, conseqüentemente, devem se diferenciar de cursos de Inglês Geral; sendo estas as características absolutas. Como características variáveis, o autor elenca que esses cursos podem, mas não necessariamente, se limitarem a abordar a (as) habilidade (s) linguística (s) que atenda as necessidades dos alunos, e não seguir uma metodologia específica.

Segundo Vilaça (2010), as palavras centrais para se entender sobre o que a abordagem de ensino em tela trata-se: “necessidade” e “especificidade”. Isto posto, todo o curso deve ser desenvolvido considerando as exigências e particularidades do aprendiz, uma vez que:

... os alunos aprendem Inglês devido a um objetivo específico (...) para ganhar e desenvolver conhecimentos e habilidades apropriadas através do Inglês. Os alunos estudam Inglês Instrumental não somente porque estão interessados na língua, mas porque eles têm que desempenhar uma determinada tarefa em inglês (BRACAJ, 2014, p. 42, tradução nossa).<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Tell me what you need English for and I will tell you the English you need.

<sup>7</sup> There can be little doubt that ESP is successful as na approach to English Language Teaching.

<sup>8</sup> Students learn for a specific purpose, to gain and develop appropriate knowledge and skills through English. Students study ESP not only they are interested in English language but because they have to perform a task in English.

Os aprendizes sabem exatamente porque eles estão estudando aquele idioma. Nesse sentido, Bracaj (2014, p. 42, tradução nossa) afirma que cursos de Inglês Instrumental se justificam pela “... necessidade de usar a língua como uma ferramenta que facilite o sucesso na vida profissional”<sup>9</sup>.

Quando se fala acerca da natureza de cursos de Inglês Instrumental, naturalmente, surge o questionamento sobre como este se distingue de cursos de Inglês Geral, especialmente se um professor de Inglês, que até então só tem trabalhado com Inglês Geral recebe a proposta de ensinar a abordagem instrumental. Nesse contexto, Hutchinson & Waters (1987) afirmam que a principal diferença entre essas duas vertentes de ensino reside na consciência da necessidade do aprendiz do Inglês Instrumental. Lamri (2016), seguindo a mesma linha de pensamento, argumenta que o que distingue ambos os cursos é o foco de cada um, enquanto o primeiro consiste em uma abordagem na qual as necessidades e objetivos do aprendiz são de extrema importância, o último foca na linguagem de uma forma mais ampla, abordando todas as habilidades linguísticas. Em outras palavras, é possível inferir que os principais pontos de diferença estão nos aprendizes e nos seus objetivos e necessidades de aprendizagem.

Logo, percebe-se que a análise de necessidades é um fator central na abordagem instrumental. A este respeito, Dudley-Evans & St John (1998) definem análise de necessidades como um procedimento que determina quais conteúdos e aspectos da língua serão abordados no curso e como será feito, isto é, é a partir de tal análise que são tomadas todas as decisões acerca da elaboração do curso. Hutchinson & Waters (1987) dividem necessidades em dois tipos: necessidades alvo e necessidades do aprendiz. A primeira diz respeito ao que o aluno precisa fazer na situação alvo e a última é sobre o que deve ser feito pelo aluno para que haja aprendizagem.

As necessidades alvo, por sua vez, são subdivididas em três: necessidade (needs), lacunas (lacks) e desejos (wants). A primeira se refere ao que o aluno precisa aprender para que possa atuar em uma determinada situação de uso da língua; segundo Vilaça (2010, p. 8), essas necessidades são “... os motivos (razões) e as motivações para o estudo da língua inglesa”. O espaço entre o conhecimento que o aluno já possui e aquilo que ele precisa aprender é o que denomina-se lacunas, as quais são identificadas na análise de necessidades. Por último, os desejos são o que despertam a motivação dos alunos, os engajando no processo de aprendizagem. (HUTCHINSON & WATERS, 1987).

---

<sup>9</sup> ... the need to use the language as a tool in facilitating success in professional life.

Tendo em mente que o curso de Inglês Instrumental visa atender as necessidades dos aprendizes, este é tradicionalmente dividido conforme a natureza da necessidade. Entre os tipos elencados, dois se destacam: Inglês para fins acadêmicos [English for academic purposes], e Inglês para fins ocupacionais [English for occupational purposes] (HUTCHINSON & WATERS, 1987). Hutchinson & Waters (1987) argumentam que não há uma diferença clara entre os dois tipos, uma vez que os aprendizes podem usar as habilidades desenvolvidas no curso tanto para fins acadêmicos, como para profissionais, e o objetivo fim de estudar uma língua é usá-la no trabalho. Inglês para fins acadêmicos se ramifica em duas outras áreas: Inglês para fins acadêmicos específicos (English for specific academic purposes), e Inglês para fins acadêmicos gerais (English for general academic purposes). O específico está relacionado às áreas específicas de formação, como educação, direito, engenharia, medicina, já o geral diz respeito a saberes que são importantes em diferentes áreas, trabalhando assim com gêneros específicos como relatórios, resumos científicos, resenhas, entre outros. Na literatura da área, é possível identificar outras formas de divisão do Inglês Instrumental, todas, contudo, muito similares.

### **As várias faces do professor de inglês instrumental**

Sabe-se quão difícil é definir a função do professor, tanto em contextos gerais quanto particulares, uma vez, que geralmente, este desempenha vários papéis. Ensinar em cursos de Inglês para Fins Específicos tem sido considerada uma tarefa mais complexa e que acarreta mais responsabilidade do que ensinar em cursos de Inglês Geral. Nesse cenário, ao se referir ao professor de Inglês Instrumental, Dudley-Evans & St. John (1998) usa o termo de “Practitioner”, sendo este, conforme os autores, o termo mais completo para designar aquele que cumpre várias funções. Entre elas, os autores destacam cinco papéis: professor, elaborador de cursos e fornecedor de materiais, colaborador, pesquisador e avaliador.

Antes de qualquer outro papel, o profissional de Inglês Instrumental assume a posição de professor. Mesmo sendo um papel incomum com aqueles que trabalham com Inglês Geral, vale salientar, que a posição do primeiro difere da do último, uma vez que as especificidades de cursos de Inglês Instrumental requerem diferentes metodologia e postura docente. Considerando que cursos de Inglês Instrumental abordam conhecimentos específicos de uma determinada área, que, muitas vezes, o professor não tinha conhecimento até então, dominando apenas as habilidades linguísticas, os alunos podem conhecer o conteúdo de ensino mais que o professor. Assim, a função do docente é usar o conhecimento dos aprendizes, de modo a criar situações autênticas de uso da



língua, e que esteja em consonância com os objetivos de aprendizagem deles. Dudley- Evans & St. John (1998) ainda afirmam que em cenários como esses, o professor assume a função de “consultor”, já que ele pode consultar quem mais tem conhecimento sobre o assunto, acerca de como designar atividades que tanto contemplem o desenvolvimento linguístico, como conhecimento da área em tela.

Trabalhar em contextos de uso da língua muito específicos exige do professor uma nova face, elaborador de cursos e fornecedor de materiais, visto que quanto mais específico seja tal contexto, mais difícil será encontrar materiais apropriados. Assim sendo, o professor terá que, após e de acordo com a análise de necessidade, planejar o curso, e fornecer materiais. Por fornecer materiais, deve-se entender adaptar em conformidade com as especificidades do curso, ou elaborá-lo. Para tanto, o docente deve assumir o posto de pesquisador, daí surge outra face do profissional de Inglês Instrumental. É indispensável, para docentes da área, criar um perfil de pesquisador, uma vez que a pesquisa que oferecerá o embasamento teórico e também prático que torna o profissional apto a desempenhar as diversas funções as quais lhes são imbuídas, como elaborar cursos e materiais.

Dudley- Evans & St. John (1998) também recomendam ao profissional de Inglês Instrumental ser colaborador, ou seja, trabalhar em conjunto com especialistas da área, uma vez que o professor não pode dominar os conteúdos de todas as áreas que possa vir a trabalhar em suas disciplinas. Essa cooperação pode ser simples, o especialista se incube de repassar ao professor informações importantes sobre os conteúdos e indicar quais tarefas os alunos poderão desempenhar futuramente usando a língua-alvo; ou a nível mais profundo, quando o primeiro ajuda ao último na elaboração do curso e produção de materiais. Além disso, o docente pode também estender essa colaboração aos aprendizes, uma vez que eles estão mais familiarizados com os conteúdos que os professores.

Como todo professor, o profissional de Inglês Instrumental também deve assumir a função de avaliador, em outras palavras, é responsável por avaliar o desenvolvimento dos alunos. Todavia, no caso de cursos de Inglês Instrumental, o papel do professor vai além de avaliar o progresso linguístico dos aprendizes, mas ele também deve avaliar o curso e o material de ensino. A avaliação deve ser feita tanto ao longo do curso, permitindo ao docente modificar o que julgar necessário, daí a necessidade de também ser flexível, quanto ao término do curso, tornando-a assim essencial para o sucesso do curso que está sendo lecionado atualmente, e também de cursos futuros.

Tendo em mente o complexo trabalho do profissional de Inglês Instrumental, pode-se afirmar que para atuar nessa área é preciso ter um treinamento especial, mais específico, assim como Bracaj (2014, p.41, tradução nossa) destaca: “... os professores (...) devem ser mais especializados para ensinar tais cursos, já que eles não estão ensinando apenas Inglês, mas termos específicos de diferentes áreas”<sup>10</sup>. Porém, o que se percebe atualmente, é que o professor de Inglês Instrumental do Brasil é aquele que foi formado para atuar com Inglês Geral, mas, ao chegar ao mercado de trabalho, assume o posto de profissional de Inglês Instrumental.

Ramos (2009) enfatiza que os profissionais que saem das universidades não estão preparados para enfrentar os desafios do Inglês Instrumental, que exige do professor grande capacidade de flexibilização, atualização constante, além de formação apropriada, assim sendo, conclui-se que o ensino desta abordagem requer um enfoque especial dos cursos de formação de professores de Inglês. Entretanto, há uma desvalorização disfarçada do Inglês Instrumental nas universidades brasileiras, o que resultou uma visão preconceituosa da abordagem, inclusive por professores da própria área, os quais consideram o ensino de inglês instrumental uma atividade de menos valor.

A desvalorização do ensino de Inglês Instrumental aliada à falta ou insuficiência na formação do profissional levam à frustração e sentimento de inadequação do professor mediante as exigências do Inglês instrumental. A necessidade de atualização constante, as funções adicionais, que, naturalmente, resultam em maiores responsabilidade e carga de trabalho também são fatores que podem influenciar na preferência dos docentes por ensinar em cursos de Inglês Geral. Dessa forma, faz-se necessário que os cursos de graduação mudem o seu olhar a respeito do ensino desta importante abordagem, formando, assim, professores mais preparados para assumir as várias faces do profissional de Inglês Instrumental.

## **CONCLUSÃO**

Tendo em mente a crescente importância e demanda por cursos de Inglês Instrumental atualmente é sempre necessário revisar a sua literatura, de maneira que se possa apropriar-se deste conhecimento para uma melhor atuação na sala de aula, e, conseqüentemente, agregar conhecimento a área de estudo em foco. Nesse sentido, objetivou-se com este artigo apresentar de

---

<sup>10</sup> ... teachers (...) should be more specialized in order to teach such courses because they are not only teaching English, but also special terms according to different subjects.

maneira geral os principais fundamentos do ensino desta relevante abordagem, de maneira sucinta, abordou-se desde o surgimento desta, suas principais características, bem como o papel e a condição do professor nesse cenário.

Considerando as singularidades do ensino de Inglês Instrumental, cujo foco é as necessidades do aprendiz, dessa forma, o curso deve ser elaborado de acordo com os objetivos de aprendizagem dos seus alunos, tornando a tarefa do professor mais desafiante. De fato, ser professor de Inglês Instrumental é uma complexa incumbência, uma vez que este é mais um *practitioner* (DUDLEY-EVANS & ST. JOHN, 1998), em outras palavras, um profissional de Inglês Instrumental, visto que além de ensinar, tem que conduzir pesquisas, estar em constante atualização, elaborar o curso e materiais, fazer um trabalho em conjunto com especialistas das áreas, e avaliar o curso e os estudantes, para tanto, também se faz necessário ser assumir uma postura flexível como docente.

Mesmo diante das diversas faces que o professor da referida abordagem assume, é válido ressaltar que ainda há poucas pesquisas acerca do trabalho do profissional de Inglês Instrumental, ou seja, há poucos fundamentos científicos que norteie sua atuação. Os cursos de formação de professores de Língua Inglesa também deixam a desejar nesse aspecto, uma vez que, trabalham a abordagem de forma muito superficial, não capacitando o professor a desempenhar tal atividade. Assim, é possível concluir que, atualmente, esse profissional vê se praticamente solitário no que diz respeito ao seu trabalho, sem formação adequada e sem pesquisas de respaldo científico. Tal fator pode influenciar, de maneira impactante, na qualidade dos cursos de Inglês Instrumental, e, conseqüentemente, na aprendizagem dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

AHMED, M. K. The ESP Teacher: Issues, Tasks and Challenges. In: **English for Specific Purposes World**. S/L, v. 15, n. 42, 2014. Disponível em: [http://www.esp-world.info/Articles\\_42/Documents/Ahmed.pdf](http://www.esp-world.info/Articles_42/Documents/Ahmed.pdf). Acesso em: 10 jan. 2017.

BLOOR, M. & BLOOR, T. **Languages for specific purposes: practice and theory**. CLCS Occasional Paper No. 19, Autumn, 1986.

BRACAJ, M. **Teaching English for Specific Purposes and Teacher Training**. In: European Scientific Journal. S/L: v. 10, n. 2, p. 40 – 49, jan, 2014.

CELANI, M. A.; et al. **ESP in Brazil: 25 years of evolution and reflection.** Campinas, SP: Mercado de Letras: EDUC, 2005.

DUDLEY-EVANS, T. **Developments in English for Specific Purposes: A multi disciplinary approach.** Cambridge University Press, 1998.

HUTCHINSON, T. & WATERS, A. **English for Specific Purposes: A Learning- Centred Approach.** Cambridge University Press, 1987.

LABORDA, J. G.; LITZLER, M. F. **Current Perspectives in Teaching English for Specific Purposes.** In: *Onomázein. Espanha*, p. 38 – 51, jun., 2015. Disponível em: Acesso em:

LAMRI, C. E. **An Introduction to English for Specific Purposes.** S/L: University of Tlemcen, 2016.

RAMOS, R. C. G. **ESP in Brazil: history, new trends and challenges.** In: KRZANOWSKI, M. (ed.). *English for Academic and Specific Purposes in Developing, Emerging and Least Developed Countries.* Reading, Uk, Garnet Publishing p.63-80, 2009.

ROBINSON, P. **ESP Today: A Practitioner's Guide.** Hertfordshire: Prentice Hall, 1991.

STREVENS, P. **ESP after twenty years: a re-appraisal.** In: *ESP: state of the art.* M. L. TICKOO (ed.) Anthology Series 21. SEAMEO Regional Language Center, 1988.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. **English for Specific Purposes: Fundamentos do Ensino de Inglês para Fins Específicos.** In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades.* S/L, n. XXXIV, p. 1 – 10, 2010. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/1715/808>. Acesso em: 20 jan. 2017.